
A IDENTIDADE NACIONAL EM FRANCISCO DANTAS

Joseana Souza da Fonseca¹

RESUMO

O impasse sobre uma Identidade Literária Nacional vem sendo discutido ao longo dos séculos. Há os que encontram vestígios dessa identidade na época Barroca, e outros que afirmam que essa proeza só veio se estabelecer após a nossa independência política com o Romantismo no século XIX. Contudo, discussões à parte, este ensaio objetiva analisar através da literatura contemporânea ,traços de uma identidade literária nacional através da obra “Cabo Josino Viloso” do escritor sergipano Francisco Dantas. Partindo do pressuposto da concretude real e comprovada dessa identidade e da premissa que tal conquista pôde ser efetivada a partir da independência linguística usada por nosso povo e consolidada pelos escritores brasileiros que utilizam em seus textos escritos o registro da oralidade dos nativos desse país, ou seja, da língua brasileira.

INTRODUÇÃO

A questão da Identidade é um ponto relevante para os estudos literários e culturais, pois perpassa diversas interrogações acerca do sujeito e da enunciação. Os conceitos de identidade são variáveis e flexíveis conforme o campo teórico usado. Daí a existência de lacunas consideráveis sobre esse tema natural da pós-modernidade, ou seja, do momento atual, do momento pós-tudo, por isso difícil de ser fixado e aprisionada a uma essência. Todavia, algumas características norteiam quem se propõe a pesquisar sobre o tema; a Identidade pode ser especulada a partir do conjunto de características próprias e exclusivas de um indivíduo ou uma nação, como também pode ser estudada a partir da análise sobre a representação da cultura de um ser ou de um aglomerado de seres racionais.

Segundo HALL (2006), o indivíduo moderno, ser fragmentado, deslocado diante de si e perante o mundo, encontra-se em “crise de identidade”, pois características que sempre o nortearam ao longo do tempo estão sendo dizimadas no mundo social da

¹ Graduada em Letras pela UFS. Especialista em Literatura Brasileira pela UNIT. Participa de pesquisas sobre Literatura e exclusão no Campus de Itabaiana-UFS

atualidade. São metamorfoses que o atinge enquanto sujeito e cidadão. Dessa forma, o propósito de se estudar a temática da Identidade atualmente parte do questionamento sobre que tipo de indivíduo a pós-modernidade, o avanço tecnológico e a globalização vêm construindo? E quais serão os resultados dessa construção para o futuro da sociedade, da cultura de cada pessoa e de cada nação? Ainda segundo Hall, um tipo distinto de estrutura social vem sendo formado desde o final do século XX. “Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”. (HALL, 2006, p.9), conseqüentemente, o local onde esses “novos” seres habitam também será modificado por causa dos comportamentos instáveis de seus habitantes. Esses processos de descentramentos do sujeito e do mundo social que ele ocupa geram um sentimento de impotência e nulidade que afeta a noção de pertencimento do ser em relação a tudo que o completa, e isso resulta em “crise de identidade”.

Crise que é própria da contemporaneidade e de suas incertezas, já que o homem de hoje vive “numa sociedade que tornaram incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de “solidificar” o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída” (BAUMAN, 2005, p.12). Tal afirmação denota a parceria indissolúvel entre pós-modernidade e crise identitária.

Todo o descentramento causado por essas inquietações leva o homem a lutar por respostas e concretudes. Quem sou eu? A que cultura pertencço? Qual a minha nacionalidade? E são essas últimas indagações que mais fragmentam a identidade de um ser e possibilitam novas construções entre o local, o nacional e o individual.

Se sentir parte de um habitat chamado natural, ambiente no qual sua descendência foi criada, e o ser foi gerado e nascido constitui um dos sentimentos mais relevantes na construção da identidade, o pertencer a uma comunidade, a uma determinada nação é fundamental para a formação da personalidade de um indivíduo. O sentido de “pertencimento” estrutura a conduta das pessoas desse ou daquele modo. Entretanto, é a definição da Identidade Nacional um dos terrenos mais escorregadios dos novos tempos.

O processo de globalização abre amplos buracos nas fronteiras entre as nações, e isso constitui uma intromissão desregrada sob os diversos modos de vida, diferentes maneiras de perceber e atuar no mundo. Aspecto que por um lado dificulta a construção desse tipo de identificação. Porém, estudiosos do assunto acreditam que “as identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização” (HALL, 2006, p. 69). Ponto que deixa mais uma vez claro, a atualidade do processo. Se por um lado, a globalização pode fragmentar os códigos culturais estabelecidos por um lugar através da multiplicidade de estilos, do pluralismo cultural implantado por essa forte “homogeneização cultural”; por outro lado, o efeito pode ser o inverso, algumas sociedades se fortalecem ao se defender dessa possível homogeneização através da reidentificação com as culturas locais, as culturas de origem.

Entretanto, considera-se uma ilusão enxergar traços fixos e permanentes nas identidades tal qual nos últimos séculos. A marca da pós-modernidade é a flexibilidade e a mutabilidade excessiva ou restrita das características identitárias. “Em certa medida, o que estão sendo discutido é a tensão entre o “global” e o “local” na transformação das identidades” (HALL, 2006, p.76). Cabe retomar aqui as sábias palavras de Machado de Assis, o maior romancista brasileiro do século XIX, “Não há dúvida que uma literatura sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (1873).

Essa concludente citação do escritor Machado de Assis denota com precisão o conceito de identidade que circunda também a palavra escritor. Homem antenado com o seu tempo, com o seu espaço, mesmo que para isto faça uso de temas incomuns a sua cultura.

Partindo dessa reflexão, o presente trabalho objetiva identificar características da Identidade Nacional no texto literário do escritor sergipano Francisco J.C. Dantas. O estudo pretende analisar até que ponto o artista da contemporaneidade se deixa influenciar por este processo que atinge indistintamente todo o mundo. As identidades nacionais

representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias e estilo de vida particulares. Mas, até que ponto os avanços da modernidade influencia na representação nacional de Dantas?

Em se tratando de Brasil, da Identidade Nacional, há particularidades consideráveis e intrigantes. Primeiro, porque o Brasil não tem nem dois séculos de independência política e isso é um agravante considerável quando se busca fixar a identidade para um país novo. Segundo, porque a literatura nacional só conseguiu se estabilizar há pouco mais de um século; dessa forma, é uma fonte de representação jovem, porém indiscutível pela legitimidade dada pelos românticos, realistas e modernistas, quando debatem a identidade nacional. É desmatando essa “floresta brasileira”, onde a miscigenação racial encontrou a sua morada, que esta pesquisa deseja percorrer alguns caminhos em busca da Identidade Nacional na representação ficcional de Francisco Dantas.

Esse escritor sergipano é conhecido como “o operário da linguagem”. Ele costuma narrar em seus textos as multiplicidades de situações que a vida contemporânea propõe e usa como espaço físico o sertão, porém esse local é sempre demarcado através de um olhar renovado.

A literatura, exemplo de uma dessas manifestações, por ser uma arte marcada pela linguagem de um determinado espaço e tempo, carrega em suas palavras diferentes construções de identidade. É através da identidade literária que os povos podem conhecer de modo íntimo o interior e o exterior de seus costumes. Talvez, por isso, os literatos brasileiros tenham buscado a todo custo a certidão que garantisse ao Brasil uma Identidade Literária Nacional. Foram bem sucedidos. Quem observar de forma cuidadosa e criteriosa o estágio atual da Literatura Brasileira, há de concordar que ela atingiu uma completa autonomia e uma fisionomia própria.

A literatura brasileira possui uma identidade nacional, em tudo identificada com a identidade do país. São expressões literárias que apresentam a raiz da nossa gente, o colorido do nosso país, a alma, a cultura e o sangue mestiço desse povo. Além da

sensibilidade e fé que rege o caráter dos brasileiros, e tudo isso acompanhado do uso essencial de nossa língua brasileira, do português do Brasil, bem diferente do europeu.

A relação entre literatura e Identidade Nacional é inseparável, tanto por seu processo de maturidade artística como por de consolidação de cultural e linguístico. O nacionalismo literário encontra-se pertinente, coerente, progressivo, e se torna a maior expressão do espírito brasileiro. São ficções que representam “o BRASIL com maiúsculas, que sabe tão bem conjugar lei com grei, indivíduo com pessoa, evento com estrutura, comida farta com pobreza estrutural, hino sagrado com samba apócrifo e relativizador de todos os valores, carnaval com comício político, homem com mulher e até Deus com o Diabo” (DAMATTA, 1986, p.14).

Espírito que pode ser analisado em vários textos de diversos escritores, e em diferentes manifestações artísticas da atualidade. Neste trabalho, como já foi observado será usado como elemento de investigação dessa Identidade Nacional o texto: *Cabo Josino Viloso* (2005, nas citações usarei *CJV*), uma novela que caracteriza não só a identidade de uma grande parcela do povo brasileiro, como também a literatura desse país. Nessa obra, o protagonista, homônimo da obra é a identidade “fiel” do brasileiro inculto ou semi-letrado que preconiza o nacionalismo, mesmo sendo limitado o seu horizonte cultural. Josino Viloso expressa uma sabedoria de vida advinha dos constantes problemas da condição humana e da luta cotidiana contra toda sorte de adversidade que o nordestino desse país enfrenta: “Esta viagem é uma coisa preta! Sei que o meu passo é arriscado. Mas, é adonde eu digo: um militar não se pertence. Tem de honrar a farda. Tem de compartilhar a vida com o governo” (*CJV*, p 10).

Na citação em destaque pode se identificar a linguagem com traços de oralidade tão empregada pelos escritores contemporâneos; aspecto que garante uma vivacidade maior à identificação cultural, social e econômica de um indivíduo; além do traço peculiar de nossa literatura, a representação da fala popular brasileira. E nem por isso o leitor se sentirá logrado, pois penetrará num estilo novo, mais reconhecidamente nosso, bem brasileiro. É a possível expressão poética da oralidade, proeza muito representada nos textos de Dantas.

Ainda nesse texto, o autor retoma um tema velho, o apadrinhamento policial, entretanto, como diz Afrânio Coutinho (2004, p. 250) “Os temas não envelhecem, o que envelhece é a forma de apresentá-los”. E consegue superar o velho tema através do uso de uma nova estrutura formal, fragmentada, anti-linear que garante a presença do inusitado, do fantástico dentro do texto. As ações vivenciadas pelo protagonista, o lugar onde elas ocorrem, a língua falada pelos personagens e a forma como estes fatos são mostrados pelo narrador onisciente, sugerem toda uma simbologia própria desse país, tais como a irreverência, a capacidade de superação e a criatividade do homem brasileiro.

O esforço permanente de constituição do nacional faz a história literária dos nossos dias ser escrita em função do entendimento agudo de toda uma problemática sociológica, linguística, estrutural e antropológica. “De que modo compreender a Literatura brasileira sem discutir hoje o ser literário e o ser brasileiro?” (COUTINHO, 2004). Esse argumento sustenta a literatura “como sistema”, pois funciona ao mesmo tempo como elemento de constituição identitária e expressão de identidades, sejam elas regionais ou nacionais. Em *Cabo Josino Viloso*, o escritor sergipano não delimita apenas a identidade de uma região (o sertão) ou de um indivíduo (o cabo Josino); ele abrange nesta trajetória a partir dessas identidades, algo maior, a identidade literária nacional, uma manifestação linguística que denota a identidade de uma civilização jovem, com defeitos graves, porém, com muitas qualidades também.

- Seu Josino Viloso, a Fazenda Estadual que receber o atrasado. Olhe que sem as multas!
- Mas, seu Zeca, se não tenho pra o de-comer...
- Acabe com esse negócio de prisão, seu Josino Viloso.(...)
- Cobre fiança. Fiança é um negócio da China. Dá um rendo danado. É uma conduta democrática... Em troca disso, seu Delegado... qualquer comissãozinha é boa pra me servir.
- Ah!... Suspirou o Delegado, só então abrindo o olho (*CJV*, p. 91, 92, 93).

As qualidades desse povo, o que podemos chamar o caráter brasileiro, sem dúvida estão bem representadas neste texto. Francisco Dantas se valeu mais uma vez da figura do “pícaro tropical” malandro de boa fé, mas que não consegue resistir aos meios ilícitos de vencer na vida. Josino é apresentado inicialmente como um malandro inocente, aquele que não consegue seguir normas “o seu cinismo não é mais que defesa entre vilões encasacados” (BOSI, 1994, p.133), porém não as infringem violentamente, traço peculiar do comportamento humano no Brasil. Embora seja necessário salientar que “não existe uma natureza humana, uma essência imutável, presente em todas as culturas, em todos os grupos sociais” (XAVIER, 2006, p. 224). Após perder a identidade profissional devido à negligência e autoritarismo por parte do seu governo, este resolve atender aos apelos da vida fácil e se rende ao nepotismo, ao apadrinhamento. Outra característica bem comum dessa terra.

A identidade de Cabo Josino sofre uma metamorfose e expressa similitude com aqueles que vivem neste país e alcançam cargos públicos. “- Se pobre tivesse cabeça, num país desse nosso, não lhe faltava de-comer (CJV, p. 119)”. A ambiguidade identitária é uma das características principais dos personagens de nossa literatura, nestas oscilações de comportamentos, o escritor da atualidade, torna-se alma falante dos seus contemporâneos e através do drama brasileiro (exclusão social) se chega a uma problemática universal (Quem sou eu?).

A reviravolta na identidade do pobre Cabo Josino, a caricatura do nativo, remete ao diagnóstico deste povo e dessa identidade literária que objetiva através da representação da identidade física (sertão), geográfica (Bahia), antropológica (nordestino), linguística (português brasileiro) captar o Brasil como tema de seus enredos. Além de fazer uso de instrumentos próprios para entender, apreender o mundo e o fenômeno humano. O povo desse país tem um modo peculiar de refletir e atuar diante das diversas situações que o atinge. Este povo de índole pacífica, em sua maioria, sempre consegue enaltecer a gravidade dos problemas através do uso constante da boa fé e do sentimento de esperança. “É uma coisa altamente positiva, como patrimônio realmente invejável, toda essa capacidade de

sintetizar, relacionar e conciliar, criando com isso zonas e valores ligados à alegria, ao futuro e à esperança” (DAMATTA, 1986, p. 121).

o cabo não era daquilo. Não de ser desatencioso com um amigo, nem de detratar assim o seu governo, pondo em xeque a política assistencial. Decerto, não estava em suas boas-horas... Alguma coisa de anormal denotara-lhe o bom tino lhe afetava o juízo. Me acostumara a vê-lo identificado ao lugarzinho, até na resignação de sua pobreza. E agora... me deparava com um revoltado (CJV, p. 120).

A natureza humana configurada nesse texto é moldada de acordo com o tempo, a situação e o meio do qual o personagem faz parte. O leitor toma conhecimento dos costumes, do sincretismo cultural e religioso por meio da desordem e do desrespeito nato por qualquer sistema, que paira na narrativa. Essa ficcionalidade não deixa de lado o estranho e o incompreensível da identidade nacional.

Desse modo, torna-se fato, relacionar a identidade literária com a identidade linguística que o Brasil vem firmando nos últimos séculos. Entretanto, é sabido que nenhuma identidade é composta por uma mistura homogênea. Os elementos que compõem a expressão linguística dos escritores contemporâneos e que também são encontradas na obra de Dantas, como o requinte, a formalidade, a linguagem popular e os ditos populares se completam e se chocam no texto.

O que conclui o trato que o autor dar às palavras, voltando-se para a própria mensagem, para a melhor seleção e combinação dos vocábulos. Efeito que causa mais prazer à leitura e garante a retratação da identidade nacional em sua obra. O leitor se enxerga como compatriota dessa nação, usuário dessas expressões, ser vivente desse meio e desse tempo. Essa receptividade correlaciona Literatura, Nacional e Identidade.

Francisco Dantas efetua com maestria a combinação de observações e descrições físicas e psicológicas. O Cabo Josino Viloso é um homem lento por natureza, manhoso por necessidade, malandro por profissão e feio de nascença. O que esperar de um cabra com tais atributos? Esperteza ou dialética. Nosso cabo tem as duas qualidades e graças a isso consegue driblar a preguiça e a covardia que o acompanha. É o que o mantém vivo, o que o

leva a riqueza e garante a admiração e o respeito dos que vivem a sua volta. É a caracterização do anti-herói, aquele indivíduo que tenta driblar o acaso das condições adversas e a avidez de gozar os intervalos de boa sorte. Como pode ser demonstrado pelo narrador-intruso:

Na sua boa pedagogia, soube levar em conta a tradição daqueles homens magros e desconfiados, teve preço aos costumes da região, de onde retirou o espírito e a medida para bolar suas iniciativas. Também cooperou com a frase que abre a grande obra de Descartes: O bom senso é a coisa mais bem repartida deste mundo. Como sondava a realidade! (CJV, p. 122).

Espera-se que neste trecho do trabalho, o leitor indague sobre os tipos de narrador identificados até aqui. Então, considere esta alternância um dos pontos mais relevantes da obra, a mudança sem aviso. A narrativa inicia-se com a participação do narrador observador, onisciente, em algumas passagens, mostra o intruso e no desfecho apresenta-o como personagem. Nota-se com isso, uma semelhança entre a esperteza do protagonista, do narrador e do escritor. Ambos puxam o tapete do leitor, ao mesmo tempo em que constitui uma característica dos textos contemporâneos; além de metaforizar com o homem da atualidade.

Não dá para se ter certeza do que está por trás de jogo de vozes. Dantas situa através das lentes dos narradores e do protagonista uma visão desenganada da existência, fonte do humor difuso. Ele apresenta um mundo onde a brutalidade e a astúcia trazem as máscaras da coragem e da honra. Representa um solo fértil de imaginação, um povo místico que herdou de sua formação (negro+índio) um estado de magia. E da fusão desse misticismo com a estética de tensão transfigurada do romance, esse trabalhador da forma, metamorfoseia a Identidade Literária Nacional com uma narrativa pitoresca.

O escritor sergipano consegue representar com proeza a Identidade Nacional de seu povo, que apesar de toda indiferença, frieza e sincretismo emanados pela pós-modernidade, encontra formas para constituir suas particularidades; mutáveis e flexíveis, é claro, mas peculiares à sua nação. A crise identitária resume o sujeito pós-moderno, porém esta desconstrução individual é capaz também de reconstruir novas *personas* que

conseguem se impor, razoavelmente, às pressões impostas pela globalização. Muito provavelmente, o fato desse país se encontrar em meio ao subdesenvolvimento garante a possibilidade desse tipo de representação nos textos de seus melhores escritores.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. v 6, Relações e perspectivas/Conclusões. São Paulo: Global, 2004.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. DANTAS, Francisco. **J.C.Cabo Josino Viloso**. São Paulo: Editora do Brasil, 2005.

GOMES, Carlos Magno. A Paródia de Verdi no romance de Nélida Pinõn. **Revista Interdisciplinar**; p.175, no. 02, v. 02, jun/dez, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.